

# A cidade foi figurante nesta (indi)gestão autoritária: sem voz, desmobilizada e nula

**GERALDINHO VIEIRA**  
Editor do Caderno 2

Brasília nunca teve uma Fundação Cultural que agradasse a gregos e troianos: a administração das artes na cidade sempre esteve sujeita ao des-caso dos governantes e/ou às suas preferências pessoais. O jogo de interesses e desinteresses sempre foi maior que a capacidade de realização de seus melhores e piores administradores do setor. Mas esta mesma Brasília nunca irá esquecer-se dos anos Marlos Nobre e Maria Luiza Nobre à frente da FCDF. Anos apocalípticos para a vida cultural da cidade que ainda é jovem mas já revelou poder de gerar movimentos e linguagens artísticas particulares, de vigor nacionalmente reconhecido.

Marlos Nobre, chamado ao GDF pelo então governador José Aparecido, chegou à direção executiva da Fundação Cultural para substituir o jornalista e poeta Reynaldo Jardim no final de 1985. Respalçado por fama nacional e internacional enquanto maestro e compositor, Marlos Nobre fez logo de saída um "giro democrático" pelas cidades-satélites. Realizou-se *check-up* encomendado pelo novo diretor da FCDF. Em vão. Pouco a pouco a cidade deparou-se com uma Fundação Cultural fechada aos circuitos artísticos da cidade, desde os grupos mais desabrigados de nome e história até as representações culturais das embaixadas.

Marlos Nobre e sua esposa e chefe de gabinete Maria Luiza Nobre fecharam as portas da Fundação. Literalmente, construíram nos escritórios que ocupam no Teatro Nacional divisórias e paredes que tiraram da FCDF corredores amplos onde se encontravam, tradicionalmente, os artistas da cidade e os que chegavam de outras praças. Começava-se a instalar o processo que foi batizado pela imprensa local como "a maldição da pirâmide". Artistas insatisfeitos, grupos cancelando suas vindas à cidade, o patrimônio físico das salas da cidade apodrecendo e funcionários insatisfeitos, a administração Marlos e Maria Luiza Nobre mereceu inquéritos administrativos que, todos eles, apontaram abuso de poder, má utili-

zação de recursos e outras mazelas. A Fundação Cultural, que deveria ser o centro aglutinador de propostas culturais, virou um prato cheio para o Tribunal de Contas do DF e para a Secretaria de Finanças.

Apesar dos esforços da comunidade, o destino do casal Nobre e da própria Fundação foram sempre assegurados pelo apadrinhamento do presidente José Sarney, a quem o governador Joaquim Roriz viu-se obrigado a garantir fidelidade. Roriz chegou a anunciar em público a demissão de Marlos Nobre, mas voltou atrás em poucas horas. A secretária Laís Aderne — que substituiu D'Almeida Jacoud depois dele ter feito dezenas de acusações sobre irregularidades na administração Nobre — recentemente publicou no *Diário Oficial* do DF uma nota de advertência à atitude de abuso de poder ao casal... No dia seguinte foi obrigada a publicar nova nota, retirando a advertência. Marlos Nobre ainda tinha força para ficar, e ficar intocável.

No ano passado aconteceu o momento mais traumático da passagem de Marlos Nobre pela cidade: cansado de brigas e boicotes, morreu no palco da sala Villa-Lobos, enquanto ensaiava, o maestro Cláudio Santoro, regente da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional que acabou recebendo seu nome. A dificuldade de relacionamento entre os dois maestros já era denunciada pela imprensa num episódio que ficou marcado como "a guerra das batutas". E a batuta arrebatou do lado mais fraco.

A herança que Marlos Nobre deixa para a cidade é a da imagem do autoritarismo sem vigilância, do apadrinhamento dos que chegam ao poder e julgam-se donos do mundo e não empregados dos que constroem o mundo. Deixou a produção artístico-cultural desarticulada, tirou estímulo onde havia esperança, deixou representações diplomáticas temerosas de novos investimentos e quase conseguiu acabar com o nosso Festival de Cinema. Instalou a censura. Alimentou o terrorismo entre seus funcionários. Há muito não comparecia ao emprego, ou pelo menos há muito não atuava a não ser para prejudicar e inviabilizar projetos. Na história da cidade nunca um administrador foi-lhe tão ingrato. Uma erva.

**Duelo de batutas**  
O maestro Cláudio Santoro, diretor da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília, abre suas batutas contra o diretor da Fundação Cultural, o também maestro Marlos Nobre: "Ele é o Al Capone da música no Brasil".

**Marlos Nobre rebate D'Almebert**  
"O jogo é sujo e envolve pressões a cargos. As contas estão em dia e são legais"

**Maestro ainda está engasgado na garganta**  
Outra pessoa que expressou o mesmo sentimento de frustração e até de perda de tempo por ter participado do GT da Cultura é o ator Guilherme Reis. Mas sua opinião foi expressada logo após a confirmação de Marlos Nobre para a Fundação Cultural, antes portanto da decisão seguinte a nomeação de Laís para a Secretaria.

**A permanência de Marlos Nobre à frente da Fundação Cultural e a indicação da professora Laís Aderne para a Secretaria Cultural transferiram-se para o processo de escolha de presidente da FCDF.**

**A orquestra dos desafinados**  
Real teatro do absurdo: no abertura da 2ª base do Seminário de Cultura do DF, artistas e intelectuais cantaram o velho refrão que o maestro sepa nome e a Fundação da cultura.

**A tenebrosa maldição da pirâmide**  
Roriz cede às pressões palacianas e o maestro Marlos Nobre fica fortalecido

**Jornal de Brasília**  
**SUCESSO**

**Caderno 2**

**Apontas**  
O dado mais curioso do curso das decisões de Roriz...